



# De perto e de dentro: a atividade docente na periferia em tempos de pandemia

Marcelo Ribeiro Sales<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio traz a minha experiência e observação na atividade docente nesses tempos de pandemia. Sou professor da rede estadual do Rio de Janeiro e aqui relatarei a realidade que vivencio, pois ela reflete em algum grau as condições de ensino público pelas periferias do país. Com as restrições impostas pela gravidade da pandemia, as redes de ensino tiveram que se adaptar e adotar estratégias para cumprir a carga horária do ano letivo, adotando aulas *online*. A pandemia desnudou problemas que já existiam e eram desprezados por grande parte da sociedade e também dos órgãos responsáveis pela educação. Dessa forma, pretendo abordar essa dramática realidade da educação pública no Brasil numa região de periferia do Rio de Janeiro.

**Palavras-Chave:** Atividade docente. Coronavírus. Desigualdade social.

**Up close and from inside: Teaching activity in the periphery in times of pandemic**

**Abstract:** The present essay brings my experience and observation, in the faculty activity in these pandemic times. I'm a teacher of the Rio de Janeiro State Network and here I will report the reality I experience, because it reflects to some degree the conditions of public education in the peripheries of the country. With the restrictions imposed by the gravity of the pandemic, teaching networks had to adapt and adopt strategies to fulfill the time cargo of the school year, adopting online classes. However, the pandemic has showed problems that have already existed and were despised by the most part of the society and also the organs responsible for education. That way I intend to approach this dramatic reality of public education in Brazil in a peripheral region of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Teaching activity. Coronavirus. Social inequality.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ESS/UFRJ. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. FEBF/Uerj. Especialista em História e cultura afro-brasileira pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC/EDU-UERJ). Professor da rede estadual do Rio de Janeiro. E-mail: grigh2@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-8802-0986.



## 1. Introdução: emoções, literatura e sociedade

No mês de março de 2020, o Brasil sofreu um enorme impacto com as medidas de restrição de locomoção impostas pelas autoridades públicas. Um inimigo, até então inimaginável, chegou ao país, assustando toda a população. Era a disseminação do COVID-19<sup>2</sup>, comumente chamado de coronavírus. Essa doença, um tipo de gripe, segundo a maioria da comunidade científica, teve origem na distante China, especificamente na cidade Wuhan, capital da província de Hubei, na chamada China continental. Faço questão de detalhar essa localização, pois, para a maioria dos brasileiros, essa localidade soa como algo muito distante, sem muita consonância com a realidade do nosso país (VELAVAN & MEYER, 2020).

Ainda no início deste ano, os meios de comunicação informavam sobre a gravidade da epidemia<sup>3</sup> na China, mas, como dito anteriormente, para a maioria dos brasileiros, parecia algo muito distante do Brasil.

Com o aumento de casos na Ásia, espalhando-se rapidamente para a Europa e os Estados Unidos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara, no dia 11 de março, pandemia mundial. Nesse mesmo mês, no dia 16, é confirmada a primeira morte por COVID-19 no Brasil (MOREIRA & PINHEIRO, 2020). Rapidamente os governos estaduais<sup>4</sup>, ao analisarem a gravidade da situação, suspendem as aulas para frear a contaminação, pois sua disseminação se dá pela mesma maneira da gripe comum, ou seja, no contato com o infectado, podendo ser por gotículas de saliva, tosse, espirro ou catarro em contato com as mucosas. Dessa forma, os gestores, ao seguirem as determinações de especialistas sobre o assunto, entenderam que o ambiente escolar com muito contato seria um possível difusor da enfermidade para a maioria da população<sup>5</sup> (MARTINS, 2020).

Chamo a atenção do leitor pela opção da escrita narrativa, pois como é um fenômeno novo para todos os pesquisadores, uma situação tão diferente, não há registro recente de uma pandemia com tantas proporções, visto que

---

<sup>2</sup> Segundo o Ministério da Saúde, a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e, desses casos, aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório).

<sup>3</sup> De acordo com a OMS, a epidemia se caracteriza quando um surto acontece em diversas regiões. Uma epidemia a nível municipal acontece quando diversos bairros apresentam uma doença, a epidemia a nível estadual acontece quando diversas cidades têm casos e a epidemia nacional acontece quando há casos em diversas regiões do país. Já a pandemia é em uma escala de gravidade, sendo o pior dos cenários. Ela acontece quando uma epidemia se espalha por diversas regiões do planeta.

<sup>4</sup> Não é o objetivo do artigo analisar as ações políticas dos governos fora do âmbito educacional durante a pandemia, apesar da inabilidade visível de alguns entes públicos.

<sup>5</sup> A maioria das pessoas que adoece em decorrência da COVID-19 apresentará sintomas leves a moderados e se recuperará sem tratamento especial. Apesar de aparentemente as crianças e adolescentes serem menos atingidos com a doença, o ambiente escolar tem muito contato entre os alunos, podendo um infectado assintomático “carregar” o vírus para a sua residência e contagiar algum idoso ou pessoa com alguma comorbidade. Segundo a comunidade científica, esses são os grupos mais suscetíveis a desenvolver a forma mais grave da doença.



há uma produção acadêmica em curso com o objetivo de entender os reflexos no presente e também em um futuro próximo. Hoje, quem escreve sobre o assunto, independentemente de qualquer área de conhecimento, “bebe da água” da antropologia, pois é uma espécie de observação participante<sup>6</sup>. Esse conceito de Bronislaw Malinowski, descrito na obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, nos permite uma melhor compreensão nesses tempos tão adversos. Para Malinowski (2018), observar e participar para entender são melhores que simplesmente perguntar e, nas condições atuais, somos todos participantes, de alguma forma, desse evento.

Nesse sentido, muito do que está contido nesse trabalho vem da observação e das experiências vividas por mim, a partir de um olhar “de perto e de dentro”. Estou dando maior ênfase à “experiência”, mas sem perder de vista a necessidade do rigor científico, o que tem me conduzido a um complexo exercício reflexivo de aproximação e distanciamento (MAGNANI, 2002).

Acredito que essa observação “de perto e de dentro” é uma proposta que melhor sintetiza uma observação mais pragmática. Entretanto, adotei um cuidado para certo distanciamento, indispensável para a objetividade do trabalho e para ampliar os horizontes dessa análise (VELHO 1978; MAGNANI, 2002; CLIFFORD, 1998).

## 2. O impacto da pandemia nas escolas

Com o avanço vertiginoso da pandemia, as autoridades públicas decretaram o fechamento das unidades escolares por todo o mundo, de maneira que cerca de 1,5 bilhão de estudantes em pelo menos 174 países ficaram fora da escola em todo o mundo (MUÑOZ, 2020).

O impacto no cotidiano da população, por conseguinte, foi inevitável. Segundo especialistas, a melhor forma de evitar o contágio seria o distanciamento social, ou seja, diminuir drasticamente a circulação de pessoas, evitando o contato.

Sendo assim, com o aumento de casos, mortes e o espalhamento da pandemia, houve uma preocupação dos órgãos responsáveis pela educação de interromper as aulas presenciais, mas não prejudicar o ano letivo dos alunos. A opção escolhida pela maioria das redes de ensino foi adotar o EaD<sup>7</sup> via *internet* (OLIVEIRA, 2020). Tanto as Universidades, quanto outras redes de ensino públicas e privadas, correram para se adaptar a essa nova realidade, já que a pandemia não tinha/tem previsão de cessar. Como descrito anteriormente, a primeira medida a ser adotada foi fechamento de todos os estabelecimentos de ensino. No fim do mês de março não havia mais aulas presenciais em todo

<sup>6</sup> A observação participante consiste em recurso metodológico para pesquisa de campo que possibilita obter uma perspectiva holística das matérias a serem estudadas. Dessa forma é a técnica de observação e pesquisa em que o observador fica inserido, de alguma forma, no grupo observado.

<sup>7</sup> Ensino a distância.



o Brasil.

Sou professor de Sociologia da rede estadual do Rio de Janeiro e relatarei a realidade que vivencio, pois ela reflete em algum grau as condições de ensino público pelas periferias.

Minha unidade escolar fica no município de Belford Roxo<sup>8</sup>, em uma matrícula de 16 horas, sendo 4 horas de trabalhos extraclases. Sendo um salário insuficiente para suprir minhas necessidades básicas, complemento com horas extras, chamadas na rede de GLP<sup>9</sup>, distribuído em mais quatro unidades escolares, todas essas no município de Duque de Caxias, totalizando 46 aulas em turma. Esse complemento de carga horária é realizado em turmas do ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos, o EJA. Todas as unidades estão na periferia e carregam similitudes e disparidades, sendo que em maior ou menor grau, existem realidades diversas que se aprofundam com a situação de emergência que a pandemia exige.

Assim como a maioria das outras redes, a princípio, optou-se na antecipação do recesso de julho já nos primeiros 15 dias de fechamento, porém o tempo de duração da epidemia é/era imprevisível, sendo assim, foram implantadas aulas à distância para não prejudicar o ano letivo.

Logo de início foi um desafio devido a tantas realidades diferentes, sejam elas regionais ou sociais. Na rede estadual que atuo foi usada a plataforma *Googleclassroom*<sup>10</sup> (TORRES, 2020), no entanto, as dificuldades não demoraram a aparecer. Apesar de vivermos em uma sociedade altamente conectada onde a internet está presente em todas as atividades humanas na atualidade, a plataforma não era usual tanto para a maioria dos docentes como também para a maioria dos alunos.

É tão grande importância da internet que a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o acesso à rede como direito universal, ou seja, desconectar uma pessoa da internet é uma violação aos direitos humanos (MONTEIRO, 2011).

O Brasil, historicamente, é um dos países mais desiguais do mundo. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), em 2019, o país ocupou o sétimo lugar em mais desigual, estando atrás de países como Paraguai e Guatemala. O relatório do Pnud destaca, ainda, que apenas o Catar tem maior concentração de renda entre o 1% mais rico da população do que o Brasil. "A parcela dos 10% mais ricos do Brasil concentra 41,9% da renda total do país, e a parcela do 1% mais rico concentra 28,3% da renda". (FORTE, 2020). Isso reflete uma realidade muito difícil, principalmente para

<sup>8</sup> Assim como várias periferias do Brasil, as cidades de Belford Roxo e Duque de Caxias são marcadas pelo abandono das autoridades políticas e precariedade de serviços públicos. Elas estão localizadas na Baixada Fluminense, que constitui um conjunto de municípios pertencente à região metropolitana do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Gratificação de lotação prioritária.

<sup>10</sup> É um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos.



aqueles que moram nas áreas rurais e nas regiões das periferias das grandes cidades.

Até aqui procurei relatar os desafios da educação em tempos de pandemia num contexto sem muita profundidade de análise. Contudo, a pandemia expôs profundas fraturas em todo o sistema de ensino, passando pela interpretação da legislação<sup>11</sup>, falta de diálogos com os representantes de classe, além da omissão por parte dos responsáveis pelas redes, das condições socioeconômicas dos alunos e dos docentes, entre tantas outras situações.

O primeiro entrave, já mencionado aqui, é o acesso à *internet*. A pandemia do novo coronavírus transferiu, de uma hora para outra, as salas de aula para o ambiente doméstico. Impedidos de frequentar o ambiente escolar para não gerar aglomerações, professores e estudantes foram obrigados a viver uma nova realidade, muito chamada pela imprensa como uma espécie de “novo normal”.

Sendo a educação um direito universal, o que fazer e oferecer para os alunos que não dispõem dessa tecnologia? E os alunos que a dispõem de maneira restrita? E aqueles que, mesmo tendo internet, tem que dividir com os pais o computador ou um smartphone que, muitas vezes usam para trabalhar remotamente? E os alunos que tem aparelhos que não são compatíveis com os aplicativos das plataformas? E as localidades que tem deficiência em sinal de internet?

Segundo o professor de didática no Instituto Singularidades (SP), Mauricio Canuto,

[...] não é uma situação estruturada: faltam equipamentos, não há acesso à internet, as pessoas não dominam as tecnologias digitais. O EaD pressupõe que todos estejam conectados e integrados (JORNAL DE BRASÍLIA, 2020).

Paulo Freire, mesmo em tempos em que a tecnologia não era tão popular, nos chama a atenção pelas possíveis desigualdades no acesso à internet: “Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, do outro. Por isso mesmo sempre tive em paz para lidar com ela”. Contudo, “o avanço da tecnologia pode legitimar uma ordem ‘desordeira’ em que somente os mais abastados têm acesso, criando assim uma massa de excluídos”. (FREIRE, 1996, p. 18). Dificilmente o autor, quando escreveu, poderia imaginar uma situação tão singular como esses tempos de pandemia, mas sua sensibilidade aos temas educacionais ainda o tornam referência sobre as desigualdades no processo ensino-aprendizagem no país. Aqui está um dos temas centrais desse ensaio, a pandemia é um problema muito grave,

---

<sup>11</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) determina a realização de 200 dias “de efetivo trabalho escolar” e carga horária de 800 horas que podem ser flexíveis em situação de emergência nacional (BRASIL, 1996). No dia 01/04/2020 o governo apresentou ao Congresso Nacional a Medida Provisória nº 934, divulgando uma lista de propostas para o enfrentamento dos efeitos da pandemia de COVID-19 na educação na qual lembrou que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases, caso a suspensão das aulas se estendesse por vários meses, os 200 dias letivos obrigatórios poderiam ser flexibilizados em até 25%, desde que fosse mantido o mínimo de 800 horas de aula aos estudantes (BRASIL, 2020).



mas a educação já sofria há muito tempo de outras “enfermidades” tão graves e com consequências tão dramáticas quantas as provocadas pela COVID-19.

Ainda sobre as dificuldades no acesso à *internet*, esse problema não se limita aos alunos, os docentes também carecem de acesso e capacitação para essa tecnologia, ou seja, os problemas que afligem os alunos são os mesmos que atingem os docentes.

Todos os dias, os meios de comunicação bombardeiam com notícias e dicas para a realização do trabalho em casa, o chamado *Home Office*. Há uma romantização sobre o assunto, pois faz parecer que é algo simples de realizar<sup>12</sup>. Porém, há questões que vão além do lado pedagógico. Os docentes não estavam capacitados para tal empreitada. Como trabalhar com essa tecnologia? Muitas vezes, dentro das residências, não há espaços ou privacidade para fazer vídeos, ou na maioria das vezes, os professores têm crianças em casa. Como alternativa, os gestores incentivam o contato dos docentes com os discentes através das redes sociais, numa espécie de invasão de privacidade para realização de uma tarefa que deveria ser pública. Outra situação muito relatada pelos professores é o aumento do fluxo de trabalho, pois, apesar das redes exigirem o cumprimento das horas trabalhadas na plataforma, o docente passou a exercer suas atividades praticamente 24 horas por dia (OLIVEIRA, 2020b). Muitos alunos não conseguem acesso no horário das aulas por diversos motivos e, dessa forma, o professor fica sempre de “plantão” para tirar alguma dúvida, causando uma sobrecarga de atividades.

A ausência das aulas presenciais também atingiu os pais dos alunos, pois muitos não sabem utilizar e auxiliar os filhos nas atividades a distância.

Citando minha experiência “de perto e de dentro”, no final da década de 2000, a então secretária de educação do estado do Rio de Janeiro, Tereza Porto<sup>13</sup>, informatizou toda a rede de ensino estadual com novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Ela criou o sistema “conexão escola”, onde professores e estudantes poderiam saber de suas atividades na SEEDUC<sup>14</sup>. A partir dessa plataforma, o profissional lançaria as notas, frequência, estratégias e conteúdos. Além disso, os professores da rede receberam notebooks e acesso à *internet* com o objetivo de melhorar suas aulas e ter oportunidade de buscar mais conhecimentos<sup>15</sup>. Dessa forma, as TICs não são algo novo na rede estadual do Rio de Janeiro.

Apesar da vanguarda na atuação à frente da secretaria de educação, em 2014 a gestão da secretária foi acusada de desperdício de dinheiro público

<sup>12</sup> Ver: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/21/internas\\_economia,835717/covid-19-muda-a-rotina-do-mercado-de-trabalho-com-o-home-office.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/21/internas_economia,835717/covid-19-muda-a-rotina-do-mercado-de-trabalho-com-o-home-office.shtml).

<sup>13</sup> Tereza Xavier Porto foi secretária de educação na gestão do governador Sérgio Cabral Filho, no período de 19 de fevereiro de 2008 a 05 de outubro de 2010.

<sup>14</sup> Sigla que define a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> Ver: <http://www.telesintese.com.br/rio-completa-doacao-de-notebooks-a-professores-da-rede-estadual/>.





pelo Tribunal de Contas do Estado. Segundo o Zuazo (2015), o TCE<sup>16</sup> concluiu que o projeto de informatização da rede de ensino que custou ao estado R\$ 93 milhões não cumpriu o propósito.

No estudo de caso aqui relatado, a minha experiência ao lecionar na rede de educação do estado do Rio de Janeiro reflete as angústias da atividade docente na esfera pública. O maior problema ainda é a questão financeira do profissional da educação no Brasil. A imoralidade que é o salário do professor não é o principal motivo dos baixos índices educacionais dos alunos em relação a outros países, mas com certeza é um dos fatores determinantes para a menor qualidade no ensino. Desde a crise econômica a partir de 2015 no país, os docentes da rede do Rio não tiveram seus salários reajustados de acordo com a inflação; ainda nesse referido ano, houve atraso de salários. A situação ganhou contornos dramáticos com a prisão do ex-governador Sérgio Cabral envolvido em várias denúncias de corrupção, depois comprovadas, que ocasionou a condenação do político por diversos crimes na gestão pública. Para piorar a situação, como a crise nas contas públicas estaduais não arrefecia, houve um aumento na alíquota previdenciária de 11% para 14% para todo funcionalismo estadual. Isso precarizou ainda mais a situação financeira dos servidores e, por consequência, dos professores (ANDRADE e PIMENTEL, 2017).

Retomando a ideia desse trabalho, há uma pressão em cadeia para as aulas a distância acontecerem com sucesso. No entanto, pela minha experiência em diferentes escolas, percebo que não há uma centralização de trabalho a fim de dinamizar as atividades dos docentes e dos alunos. Cada unidade escolar age a sua maneira. Cito como exemplo a exigência de preenchimento de diários escolares: algumas escolas querem diários em papel, outras querem por meios eletrônicos. Há uma exigência para os professores formarem grupos por turmas no *WhatsApp*, sobrecarregando ainda mais a atividade laboral dos profissionais de educação, além de invadir a privacidade do docente. Por fim, há uma pressão dos gestores para que os docentes e discentes “entrem” na plataforma nos seus respectivos horários, não considerando se os envolvidos têm *internet* disponível naquele determinado momento. Essa pressão para o sistema educacional funcionar não é novidade, mas é uma realidade do cotidiano da atividade docente, pois o sistema tem que funcionar, tem que apresentar resultados, mesmo com tantas adversidades

---

<sup>16</sup> O Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro é um órgão de controle externo do estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Assim como outros tribunais análogos, deve fiscalizar as contas estaduais e as dos municípios nele localizados, com a especial exceção na capital fluminense.



### 3. Considerações finais

Enquanto escrevo esse ensaio, os números oficiais de mortos passam de 450 mil no Brasil. Essa grave realidade tem consequências imprevisíveis em todas as esferas sociais, pois os números não param de crescer. Sendo assim, muitas atividades laborais estão paradas ou sendo exercidas de maneira restrita, entretanto, a atividade dos docentes na maioria das redes públicas não cessou, mesmo com inúmeras realidades aqui citadas. A pandemia ajudou a expor o quanto a atividade docente no Brasil é uma tarefa árdua e complexa. Isso fica mais evidente nas difíceis condições que alunos e professores passam nas redes públicas. A precariedade da educação pública brasileira é resultado de baixos investimentos, desvios de dinheiro público, baixa qualidade do ensino, desvalorização do professor, entre outros tantos problemas. Portanto, mesmo sendo a educação um direito garantido por lei, sem distinção e condições, não é o coronavírus que está prejudicando o processo de ensino-aprendizagem, mas sim o histórico descaso das autoridades responsáveis.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Hanrrikson de; PIMENTEL, Mauro. Alerj aprova e servidores do Rio pagarão mais por Previdência; protesto tem conflito. **Portal Uol**, Rio de Janeiro, 24 mai. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/05/24/alerj-aprova-e-servidores-do-rio-pagarao-mais-por-previdencia-protesto-tem-conflito.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 28 mai. 2021.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 abr. 2020, seção 1, p. 1. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>>. Acesso em: 20 set. 2020.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

ESTUDANTES E PROFESSORES DA REDE PÚBLICA RELATAM OBSTÁCULOS DO ENSINO À DISTÂNCIA DURANTE A QUARENTENA. **Jornal de Brasília.** Brasília. 05/05/2020. Disponível em: < <https://jornaldebrasil.com.br/nahorah/>





estudantes-e-professores-da-rede-publica-relatam-obstaculos-do-ensino-a-distancia-durante-a-quarentena/> Acesso em: 20/06/2020.

FORTE, Bárbara. Por que Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo. **Portal Uol**, São Paulo, 20 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/02/20/por-que-brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt>. Acesso em: 25 mai. 2021.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

MARTINS, Elisa. Pesquisa estima que volta às aulas pode causar infecção de até 46% de alunos por Covid. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/pesquisa-estima-que-volta-as-aulas-pode-causar-infeccao-de-ate-46-de-alunos-por-covid-24602179>. Acesso em 25 mai. 2020.

MONTEIRO, Daniele. A ONU declara o acesso à Internet como direito universal. **Tech Tudo**, São Paulo, 10 jun. 2020. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/06/onu-declara-o-acesso-internet-como-direito-universal.html>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MOREIRA, Ardilhes. PINHEIRO, Lara. **Portal G1**. OMS declara pandemia de coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml> . Acesso em: 25 mai. 2021.

MUÑOZ, Rafael. A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rafael-munoz/2020/04/a-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

OLIVEIRA, Elida. Estados adotam plataformas online e aulas na TV aberta para levar conteúdo a estudantes em meio à pandemia de coronavírus.



**Portal G1**, 09 abr. 2020a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/04/09/estados-adotam-plataformas-online-e-aulas-na-tv-aberta-para-levar-conteudo-a-estudantes-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho. **El País**, São Paulo, 21 mai. 2020b. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

TORRES, Livia. Alunos da rede estadual podem acessar plataforma on-line com conteúdo de aulas a partir desta segunda-feira. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/30/alunos-da-rede-estadual-podem-acessar-plataforma-on-line-com-conteudo-de-aulas-a-partir-desta-segunda-feira.ghtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

VELAVAN, Thirumalaisamy P.; MEYER, Christian G. The COVID-19 epidemic. **Medicina tropical e saúde internacional**, v. 25, n. 3, pág. 278, 2020.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**: a aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ZUAZO, Pedro. TCE do Rio aponta desperdício de R\$ 93 milhão na educação. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 17 mai. 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/tce-do-rio-aponta-desperdicio-de-93-milhao-na-educacao-16178992.html>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

### Como citar este artigo:

SALES, Marcelo Ribeiro. De perto e de dentro: a atividade docente na periferia em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 9, n.2, p. 163-172, jul./dez. 2020.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/9220.505>**

Data de submissão do artigo: 18/06/2020

Data da decisão editorial: 28/05/2021